

## APRESENTAÇÃO

Este número da *Feminismos* vem abrir nosso Volume 3 e, com ele, o terceiro ano de publicação desta revista. E acontece em um momento especial para todas nós: a criação do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismos (DEGEF) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o primeiro desta ordem a ser criado em uma universidade brasileira. Com isto, o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM), órgãos aos quais a *Feminismos* está filiada, passam também a fazer parte do novo Departamento ao lado do Curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade (BEGD)/FFCH/UFBA. Todos estes órgãos e programas integram agora o DEGEF, que estará sob a chefia da Profa. Dra. Márcia dos Santos Macêdo.

Para nós, é um momento de grande felicidade: a criação do DEGEF era um dos nossos sonhos, especialmente da Profa. Dra. Ana Alice Costa, que nos deixou há um ano. Mas o sonho maior – dela e nosso – é a criação do Instituto de Estudos de Gênero e Feminismos da UFBA que, esperamos, um dia, em breve, seja realizado!

Em comemoração a esse novo momento do NEIM, a *Feminismos* traz, na seção de artigos, quatro trabalhos voltados para temáticas bastante diversas dentro dos estudos feministas. O primeiro, sob o título “Relendo o diário de uma mulher da paz a partir de um recorte de gênero e étnico-racial”, de autoria de Fabiana Rocha e Márcia Santana Tavares, se baseia na narrativa autobiográfica de uma mulher, residente no Bairro de São Cristóvão, em Salvador, que participou do Projeto Mulheres da Paz, do PRONASCI. O artigo se volta, também, para o que foi produzido por ela nas oficinas realizadas no curso do referido Projeto, particularmente no que diz respeito aos registros feitos sobre os acontecimentos do seu dia a dia. Com base neste material, as autoras analisam de que forma e em que medida a intersecção das matrizes de desigualdade dominantes em nossa sociedade – a saber, sexismo, racismo e capitalismo – vêm demarcando a trajetória de

vida e limitado o agenciamento cotidiano dessa mulher, uma mulher negra, de baixa renda, residente em um bairro pobre de Salvador marcado pela violência urbana.

O artigo seguinte, “Arte, técnica, processo e conhecimento: a inventabilidade pedagógica de mulheres na tecelagem manual”, de Amanda Motta Castro e Cintia Andréa Dornelles Teixeira, tem por objetivo dar visibilidade e analisar a tecelagem manual realizada e ensinada por mulheres em Resende Costa, no Estado de Minas Gerais, e em São Borja, no Rio Grande do Sul, sob a perspectiva da articulação entre Educação Popular e Estudos Feministas. As autoras ressaltam que, tanto em Minas Gerais quanto no Rio Grande do Sul, a tecelagem manual é uma atividade predominantemente feminina, que exige técnica, conhecimento e criatividade. Nestes grupos, como em outros semelhantes, os conhecimentos relacionados ao fio e à agulha tramados pelas mulheres ao longo da história ainda carecem de análises mais sistemáticas. Daí porque o grupo de pesquisa do qual as autoras participam tem buscado, “através da pesquisa científica, visibilizar este conhecimento invisível e tramado a partir das margens do conhecimento formal e sistematizado”.

Rachel Gouveia Passos, em “Configurações do ‘care’ no campo da saúde mental: as mulheres cuidadoras em evidência”, o artigo seguinte, se volta para esse outro tipo de trabalho feminino que também não tem sido adequadamente visualizado. Em especial, o artigo tem por objetivo maior desenvolver uma análise crítica acerca do trabalho de cuidar, exercido por mulheres no campo da saúde mental, tornando visíveis as opressões que se estabelecem nas relações da promoção do cuidado às pessoas em sofrimento psíquico. A autora discute, de um lado, os processos de precarização do trabalho e, de outro, as mudanças ocorridas no campo da saúde mental, responsáveis pelo surgimento dos “serviços residenciais terapêuticos”, um dispositivo que oferece cuidados e acolhimento a ex-moradores de hospitais sem vínculo com suas famílias e onde são empregadas, sobretudo mulheres, como cuidadoras, mas sem o treinamento e a capacitação adequada.

Já Clara Monteiro e Valeska Zanello, em “Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney”, analisam recursos midiáticos enquanto uma tecnologia de gênero, vista pelas autoras como “poderosa na sociedade ocidental atual”, na medida em que expõem representações sociais diferenciadas para homens e mulheres que, assim, contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero. No artigo, as autoras se voltam, em especial, para os desenhos de animação veiculados para crianças, procurando identificar os estereótipos e valores de gênero presentes em quatro filmes de animação de Walt Disney: “Cinderela”, “A Bela e a Fera”, “A Pequena Sereia” e “Mulan”. A partir da análise crítica tanto de cenas quanto de músicas que as embalam, as autoras revelam que, nesses desenhos, o “dispositivo amoroso” permanece “como caminho privilegiado de subjetivação das mulheres”.

Na seção “Documentos”, trazemos “Por uma teoria social de gênero do – e para – o Sul Global: uma entrevista com Raewyn Connell”. Trata-se da transcrição e tradução, por Cristiano Rodrigues, da entrevista realizada por ele, Darlane Silva Vieira Andrade e Maíra Kubik Mano com a socióloga feminista australiana, Raewyn Connell, durante sua visita ao NEIM, em abril deste ano, quando proferiu palestra e reuniões com alunas/os do PPGNEIM e ativistas em diferentes movimentos sociais em Salvador.

Nosso dossiê, neste número organizado por Felipe Bruno Martins Fernandes e Bruna Andrade Irineu, reúne sete artigos versando sobre “Extensão universitária em gênero e sexualidades”. Sabe-se que, no Brasil, é crescente a atuação de núcleos e grupos universitários que implementam projetos de extensão nas temáticas de gênero e sexualidades. A relação entre universidade e comunidade assim como a parceria entre universidade e movimento social tem se materializado a partir destas iniciativas no âmbito da extensão universitária. Devido às iniciativas de formação continuada e educação permanente enquanto política pública, estas ações têm tido maior proximidade com profissionais da educação básica e discentes do ensino básico da rede pública. A comunidade interna à universidade (discentes e técnicos) também ocupa lugar dentro o público-alvo destes projetos de extensão. A produção de material didático-pedagógico, a organização de eventos e a realização de

concursos/premiações são exemplos de ações que têm sido implementadas.

Fazer o conhecimento em gênero e sexualidades circular na comunidade com vistas à transformação social e melhoria da qualidade de vida em termos de gênero e sexualidades é prerrogativa de ações que priorizam engajamento político à capacidade transformadora da universidade. Neste sentido, entendemos ser importante trazer os resultados de trabalhos que relatam experiências de projetos de extensão em gênero e sexualidades, financiados ou não pelo PROEXT, resultados de pesquisas que primaram por correlacionar as dimensões pesquisa-extensão, relatos de experiência e/ou produtos finais de projetos desenvolvidos nas universidades (projetos de intervenção, materiais didático-pedagógicos e etc.).

Em “Artes de Mulher”, nosso destaque vai para a estilista e comunicóloga, Carol Barreto, professora do recém-criado Departamento de Estudos de Gênero e Diversidade e pesquisadora do NEIM. Suas criações, fotografadas por Natan Fox, se inspiram tanto nas matrizes das artes africanas e afro-brasileiras quanto em questões de gênero e sexualidades, projetando um modativismo feminista afro-brasileiro. A capa da revista expõe uma das criações da Coleção Vozes, de Carol Barreto, apresentada recentemente na Black Week, em Paris.

Neste número, dois livros são resenhados. O primeiro, *Prostituição, gênero e trabalho*, de autoria de Leticia Cardoso Barreto, é resenhado por Viviane Menezes Hermida e, o segundo, *Mulheres e militância: encontros e confrontos durante a ditadura militar*, de Ingrid Faria, Zeidi Araujo Trindade e Maria de Fátima de Souza, é objeto da resenha de Carla Conceição da Silva Paiva.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que cada número que conseguimos, finalmente, colocar no ar representa, para nós, uma grande vitória. Por certo, este número não foge à regra! É um prazer imenso vê-lo tomar corpo e forma, sobretudo frente aos problemas enfrentados para chegarmos aqui. Não bastasse a falta de verbas que vimos sofrendo, desde o início, para cobrir os custos de revisão e formatação dos textos e fotos publicadas, neste último ano, nosso site foi “raqueado” e nosso e-mail bloqueado, de sorte que perdemos inúmeros artigos e resenhas submetidos por via de endereço eletrônico.

Por conta desses problemas, enfrentamos mais um atraso em nosso cronograma. E nos vemos obrigadas a não nos responsabilizarmos mais pela revisão gramatical e bibliográfica dos textos: doravante, este trabalho ficará inteiramente sob a alçada das autoras. Mas nada que não possamos superar, ainda mais quando sabemos que podemos contar com a colaboração de todas e todos vocês que nos leem!

E há muito coisa boa aqui para leitura! Convidamos todas e todos vocês a essa leitura e a nos enviarem suas contribuições para publicação em números futuros!

Saudações feministas,

Ângela Freire, Cecília Sardenberg, Clarice Costa, Felipe Fernandes e Márcia Tavares